

CRISTIANA LÔBO

ESTADO DE SÃO PAULO

FH procura os adversários

Em dezembro de 1993, Antônio Carlos Magalhães, então governador da Bahia, e Tasso Jereissati, na ocasião presidente nacional do PSDB, tiveram uma reunião na qual foi firmado o primeiro pacto entre o PFL e o PSDB: o de estarem unidos na sucessão de Itamar Franco. O candidato já estava escolhido e era o então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

Na semana passada, precisamente no dia em que o Senado aprovou em segundo turno a emenda da reeleição, os dois almoçaram juntos. Não poderia haver local mais discreto: o próprio gabinete de ACM na presidência do Senado, aonde ninguém chega abrindo a porta. Ali, os dois conversaram sobre 1998.

A campanha de Fernando Henrique para a sucessão presidencial está deflagrada. E o núcleo dos comandantes será praticamente o mesmo. É a regra do futebol que diz: "Não se mexe em time que está ganhando." Dele fazem parte, pelo PFL, além de ACM, o líder do governo Luís Eduardo Magalhães e o embaixador Jorge Bornhausen, que está esgotando o tempo de permanência em Lisboa para estar aqui no final do ano e reassumir a presidência do PFL a fim de comandar as ações do partido com vistas às eleições do ano que vem. Do lado do PSDB, há ainda Sérgio Motta e Paulo Renato com a mesma tarefa de redigir o programa de governo.

A primeira tarefa do grupo é a de analisar a situação política em cada um dos 27 Estados e identificar as possibilidades de reproduzir a aliança. Tal como em 1994, não será fácil. Mas nada que seja irremediável. Afinal, na campanha do ano que vem, o candidato Fernando Henrique não vai subir em jegue nem comer buchada com eleitores. A campanha será eletrônica, por meio do programa eleitoral gratuito. Ele já disse que não quer saber de comícios — até para não suscitar reação dos adversários. A maior preocupação é evitar denúncias de uso da máquina administrativa com fins eleitorais, já que pela primeira vez no País o presidente disputa a reeleição sem se afastar do cargo. É por isso mesmo que a campanha eletrônica come-

ça já neste ano com a apresentação dos feitos do governo.

Fica uma pendência na campanha de Fernando Henrique à reeleição: o papel do PMDB. O presidente tem a expectativa de que o PMDB se una à aliança que vai lançar sua candidatura. E, por isso mesmo, nomeou Íris Rezende para o Ministério da Justiça com a perspectiva de unir o partido em torno de seu nome. Mas essa é uma tarefa difícil.

O PMDB é um partido de muitos grupos que, dentro do próprio partido, de digladiam. Neste momento, um ponto une os diversos grupos: a reação ao PFL e ao próprio presidente de repetir a chapa de FH com Marco Maciel na vice. Um dos trunfos do grupo governista do PMDB era o de alcançar a vaga de Maciel, arrancando-a das mãos do PFL. Porém, em recente entrevista,

o próprio Fernando Henrique disse que gostaria de ter Maciel de novo como companheiro de chapa.

A favor de Fernando Henrique há a falta de adversários nos diversos partidos. A esquerda, hoje fragilizada com as denúncias contra o PT, pode ser obrigada a buscar outro candidato que não Luiz Inácio Lula da Silva; e o PPB que teria a alternativa Paulo Maluf pode lançar um nome sem muita expressão nacional, já que Maluf quer o Palácio dos Bandeirantes. O PMDB só sa-

be o que não quer: um candidato como Orestes Quércia (que na eleição de 1994 ficou atrás de Enéas do Pronta), porque isso o prejudica na eleição da bancada, embora o partido ainda tenha nomes fortes nos Estados, como Íris Resende e Jáder Barbalho — para repetir os exemplos mais citados.

De qualquer forma, 1997 é o ano da campanha eletrônica de Fernando Henrique — ainda no papel de presidente da República. No ano que vem, ele será mais discreto na publicidade institucional. Mas se a estabilidade econômica estiver mantida — como asseguram os economistas, e não só os do governo — a conversa de Antônio Carlos Magalhães e Tasso Jereissati na semana passada terá produzido frutos. Tal como em 1994, os grandes eleitores de FH em 1998 continuarão sendo o real e o frangui-



■ Cristiana Lôbo é jornalista

O núcleo da campanha de Fernando Henrique será praticamente o mesmo de 1994